

Atlântico Expresso

Fundado por Victor Cruz - Director: Américo Natalino de Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso - 31 de Outubro de 2016 - Ano: XXXI - N.º 1583 - Preço: 0,90 Euro - Semanário

Nota de Abertura

Poupar: o sonho e o acordar!

Este dia 31 de Outubro é conhecido como o Dia Mundial da Poupança, com longas tradições de acção e reflexão que hoje mais do que nunca importa reequacionar, porque saber poupar está muito para além do simples saber amalhar.

Quando se fala em poupar e em poupanças, lembro-me sempre desta história que não faz mal repetir.

Conta Monsenhor Weber Machado Pereira, profundo conhecedor de grandes dramas de vida e lutador incansável contra a pobreza, que um dia, há alguns anos, indo de Ponta Delgada a caminho da Ribeira das Tainhas, onde ia pregar num tríduo da Imaculada Conceição, junto à Lagoa, ao anoitecer e chovendo, viu um homem na estrada. Parou o seu “mini” e deu boleia ao homem que lhe disse dirigir-se para Água de Pau. Perguntou-lhe o Padre Weber se tinha perdido a “camioneta” ao que o homem respondeu que não: “o dinheiro do bilhete dá para comprar chicharros para os rapazes”.

Um exemplo nobre, repetido já vezes sem conta pelo doutor Weber e a que me ateno hoje para falar de poupança. Aos ricos não se pede que poupem, Eles sabem fazê-lo melhor que ninguém. Poupar e multiplicar, mesmo que no sinal vezes esteja o sangue e a vida de muita gente.

Aos que pouco têm, aos que estão no fundo da pirâmide, poupar torna-se uma arte difícil. Difícil, porque os ricos, os grandes grupos, e até há pouco os bancos, enchem o ar de propaganda consumista, estimulando a compra, o gasto e o endividamento. Poupar tostões no meio de tanta incerteza?

E então agora? Parece que acordamos de um pesadelo. Há dívidas e compromissos a satisfazer e os vencimentos são cortados, as pensões diminuídas, a saúde encarecida e a habitação pela hora da morte. Será possível poupar? Será que ainda haverá alguém capaz de prescindir do autocarro, andar a pé para “comprar chicharros para os rapazes”?

Com o pessimismo derivado da grande crise em que estamos, a grande tentação é olhar os rendimentos dos outros na mesma proporção em que os nossos escasseiam. Por isso mesmo custa prescindir daquilo a que fomos habituados e habituámos os nossos filhos e não pensamos que há milhões que nada têm e que não conseguem, mesmo andando a pé, comprar “chicharros para os rapazes”.

A verdade é que o mundo financeiro não se compadece com os nossos pensamentos e com as nossas vivências. Chegou a hora da cobrança e pouco se interessam quem vai sobreviver. Mais do que nunca, a poupança é uma atitude individual e assim vai continuar. Assegurar o futuro pode ser um bom objectivo, mas é uma grande incerteza. Veja-se o caso de tantos que descontaram durante tantos anos e agora vêem as suas reformas serem adiadas no tempo e mirradas no valor. Veja-se os que pouparam e com a desvalorização hoje não compram nem metade daquilo que expectavam.

Para que houvesse verdadeira poupança, o dinheiro tinha de ser reprodutivo. Não é. Hoje mais do que nunca a tentação é viver o presente porque o futuro é incerto. A retracção ao consumo traz consequências terríveis e vamos ser vítimas delas, se é que não estamos a ser.

Poupar como, se a fome aparece já por aí? E se são os pobres que partilham, com os pais a receber os filhos desempregados em casa, partindo com eles o seu pão e a sua dor! Poupar se o nosso vizinho nos bate à porta a perguntar se temos dois comprimidos para “emprestar” porque o filho pequeno tem febre e não têm dinheiro para ir à farmácia?

Como poupar, se há que “comprar chicharros para os rapazes”?

Santos Narciso

Sociólogos explicam as raízes da tradição Lojas prepararam-se para o Halloween mas os açorianos não gostam de bruxas



págs. 2 a 4

Concha Rousia e ‘Se os Carvalhos Falassem’ A escritora galega que sente os Açores



No próximo dia 4 de Novembro, pelas 20 horas, a escritora Concha Rousia, nascida numa pequena aldeia no Sul da Galiza, estará na Junta de Freguesia dos Ginetes, onde apresentará o seu livro “Se Os Carvalhos Falassem”. Trata-se uma galega que diz que foram os Açores que a chamaram.

pág. 11

Rodrigo Alves Médico alerta para os rastreios de doenças alérgicas

pág. 9

Dia Mundial da Poupança Portugueses entre os europeus que mais querem poupar

Os portugueses e, nomeadamente, os açorianos, estão entre os europeus que mais tencionam poupar, revela um estudo publicado a propósito do Dia Mundial da Poupança, que hoje se assinala.

pág. 7

Escritora galega está de volta a São Miguel para lançar “Se os Carvalhos Falassem”

Concha Rousia diz que foram os Açores que a “escolheram”

No próximo dia 4 de novembro, pelas 20 horas, a escritora Concha Rousia, nascida numa pequena aldeia no Sul da Galiza, estará na Junta de Freguesia dos Ginetes, onde apresentará o seu livro “Se Os Carvalhos Falassem”.

Trata-se uma galega, com provas dadas, e que “sofreu [...] o choque de não poder utilizar com normalidade a sua língua galego-portuguesa na sua própria terra, e iniciou uma militância cultural e política a favor dos direitos linguísticos e de identidade da Galiza que continua até hoje.”

Do evento de apresentação da obra, onde poderemos escutar a autora e dialogar com a mesma, fará, ainda, parte a declamação de alguns dos seus poemas, repletos de harmonia e intensidade. O nosso Jornal esteve à conversa com esta escritora que já esteve entre nós a participar nos Colóquios da Lusofonia e que agora volta à nossa ilha, considerando que os Açores a escolheram.



Já participaste nos Colóquios da Lusofonia. Podes fazer-nos um balanço de como correu este evento?

Sou membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL). Participo anualmente nos Colóquios que se realizam desde 2008. O último em organizar-se foi o da Lomba da Maia, transcorreu do dia 29 a 2 de outubro. Os colóquios poderiam ser definidos como uma festa da cultura em que gente, língua e terra se misturam como uma trindade que continua mantendo vivo, e gerando vida, belos sonhos da humanidade. A cultura para ser viva, para ser algo além de um produto artístico, um produto para ser consumido, necessita do alento de uma comunidade que a reivindique, que a ame, como própria. Essa comunidade da que estou a falar, e que faz possível estas nossas celebrações, são os Colóquios da Lusofonia. Na Lomba da Maia reuniram-se pessoas provenientes de 18 países, de vários continentes; escritores, poetas, dramaturgos, músicos, pessoas da literatura em geral, da Academia, e das áreas de responsabilidade das políticas de língua. Conosco estiveram na Lomba da Maia os dois prémios Nobel da Paz Dom Ximenes Belo e José Ramos-Horta. Os Colóquios da Lusofonia enraizam-se nos locais nos quais se organizam, nos lugares onde se pousam, deixando o seu sabor no lugar, e incorporando o sabor local à já grande nave dos Colóquios que vai percorrendo os sete mares da nossa língua comum, fazendo pátria, fazendo Lusofonia.

Como se sente uma galega em Portugal?

Uma galega em Portugal, sente-se em casa, abraçada pela normalidade que vive a sua língua. Abraçando a paz de saber que a língua está sã e a salvo, não está em perigo de extinção no mundo, embora na Galiza esteja sendo aniquilada pelo esmagamento que sobre ela vai produzindo a língua de Castela. Ser galega em Portugal é respirar; isso é especialmente certo aqui nos Açores, que me parece uma Galiza flutuante, longe das agressões linguísticas que através dos séculos vimos sofrendo os galegos e galegas.

Porque escolheste os Açores para o lançamento do teu novo livro?

Os Açores escolheram-me. Os amigos e amigas poetas dos Açores, a Brites Araújo e o Pedro da Câmara, são os principais artífices desta viagem dos meus Carvalhos às ilhas. Sonho com que este caminho fique aberto para o resto das minhas criações porque adoro esta terra, adoro esta ilha; e sonho com que seja um caminho que vincule e aproxime a poesia da Galiza e dos Açores, dos Açores e a Galiza. O acaso ajudou também. Eu queria ter tido o livro nos Colóquios da Lusofonia, mas chegou um dia tarde; e foi bom que esse dia tarde sucedesse pois trouxe com ele todos estes dias que agora se abrem para eu lançar o meu livro.

Que projetos tens e quais gostarias chegar a desenvolver? Fala-nos, mais em concreto, do teu novo livro.

Este livro, Se Os Carvalhos Falassem, é integrado por poesia que veio a me resgatar, depois de eu ter escrito o meu primeiro romance. Quando finalizei a escrita desse romance, intitulado As Sete Fontes, finalmente publicado em Arcos de Valdevez pela Editora ArcosOnline dirigida pelo escritor e poeta português Victor Domingos, quando eu terminei de escrever esse livro e tentei publicá-lo na Galiza, vi que não havia espaço para ele; pela forma em que estava escrito, e talvez pelo seu conteúdo. As sete Fontes reivindica a Galiza real, rural, indígena. Essa cultura tão viva em mim, esse legado não parecia ser de interesse na Galiza moderna, representada por escritores que parecem dispostos a esquecer essa Galiza, como se nem tivesse existido. Perante essa realidade, essa parede que não tinha porta para o meu primeiro romance, fiquei triste, mas nunca frustrada, pois encontrei a porta, uma muito especial para o meu primeiro romance; essa porta ofereceu-me Portugal, que também é terra minha. A poesia, e especificamente, a poesia contida neste livro, cuidou de mim quando a realidade me negava saídas.

Quero que o meu próximo livro seja de prosa poética, ou de “ensaio poético” ainda não tem título definitivo. Alguns dos textos que incluírá já os tenho prontos, outros ainda estão sendo escritos; projeto para publicar no próximo ano. Tenho outros projeto que incluírá textos relacionados com a vida num ginásio, prosa poética, poesia, frases, contos... uma mistura de narrativas, e quem sabe se alguma canção. Tenho também intenções de escrever um segundo livro de Nântia, e ainda um terceiro, gostaria que essa obra fosse uma trilogia, mas não tenho pressa para terminá-lo. Também quero publicar em papel o meu primeiro romance “As Sete Fontes” que como disse foi publicado como e-book em 2005; queria também publicar outro romance meu, ganhador do Certame Literário Feminista do Condado

em 2006, intitulado A Língua de Joana C. Acho que é tudo por hoje... E ainda queria pelo meio desses projetos todos que mencionei, escrever junto com poetas de outros países da Lusofonia, com poetas dos Açores, de Minas Gerais... E também queria aprender a pintar.

Qual a tua relação com a escrita?

A minha escrita é intuitiva, não é muito programada. Para mim escrever é mais um ouvir do que um falar. Eu ponho o ouvido, quase sempre orientado para o interior, mas acho que é para dentro e para fora, simultaneamente, que o coloco; depois trato de deixar sair pelos dedos aquilo que se move na minha mente emocional. Procuro escrever diariamente, como quem respira, isso quer dizer que procuro, sem que seja ativamente, aquele silêncio para ouvir as cousas que andem por aí perto dessa minha dimensão emocional. Como se descrevesse de jeito informal aquilo que vem mexer comigo na vida. Por vezes olhar o fogo faz com que essa imagem se misture com uma lembrança e nasçam aí emoções suscetíveis de serem captadas em fotografias poéticas, sejam palavras ou obras de criação de outra índole; tudo é poesia. Eu escrevo em qualquer lugar e forma, papel, computador, telemóvel, escrevo em qualquer superfície que suporte letras e esteja ao meu alcance. Por vezes acordo no meio da noite com um sentimento poético, uma imagem de um sonho e tenho que me erguer para escrevê-lo, se o não escrever não vou recordar, e mesmo se lembro as palavras não sou capaz de fazer nada poético com elas. O momento poético é emocional, ou então nos poríamos diante do papel e escreveríamos sempre que o desejássemos, e não acontece desse jeito.

Como é que uma psicoterapeuta lida com a poesia?

A poeta é a psicoterapeuta da própria psicoterapeuta.

A poesia é cura, lugar de recolocar o meu próprio mundo. Lugar de sonhar desperta, de acreditar na utopia, lugar de desaprender um pouco de racionalidade para abrir as portas da mente emocional. Concebo a poesia como uma eira, um espaço no tempo, um espaço fora do próprio espaço físico, onde o Espírito de um determinado coletivo, um povo, respira. Poesia é esse lugar de sanção coletiva, é a escola livre de limitações do pensamento racional. A poesia acontece quando apagamos o ruído da racionalidade que tudo quer classificar em função das medidas do pensamento.

Na tua opinião, qual a relação entre a língua e cultura galegas e a Lusofonia?

A nossa língua é grande, livre pelos continentes do mundo, e enfraquecida no seu lugar de nascença. Esta fragilidade é obra do esmagamento histórico, não é um acontecimento pelo passar do tempo, é fruto do resultado da violência à qual fomos, e somos de forma mais ou menos perceptível, submetidos. Nem sabemos o quanto. Os vínculos com a Lusofonia dar-nos-ão a energia suficiente, dar-nos-ão o espaço para estender essas nossas frágeis (fragilizadas) asas, e voar. Considero que as Políticas públicas deviam ir encaminhadas a abrir novos caminhos, e alargar os caminhos existentes, pelos quais a nossa literatura poder andar. Temos muita terra na em que plantar os nossos versos, afinal o nosso jeito galego de ser é sair ao mundo, navegar, ir... A nossa Língua tem muito futuro, tem todo o futuro, mas pouca vida na própria terra em que nasceu, se continuar sendo tratada como está sendo tratada. “A Minha Ortografia é uma Emigrante Retornada, como eu” é um verso meu no livro. A nossa ortografia deveria ser melhor tratada, não vem pedir nada que não lhe pertença.

António Pedro Costa
Foto: DR

